

PODE-SE (NÃO) FALAR DE PÓS-MODERNIDADE?

Tânia Regina Oliveira Ramos

Professora de Literatura Brasileira, UFSC

“Heládio nunca pode enxergar o futuro pelos olhos do filho. Heládio olha para o filho de costas saindo e, como tantas vezes, olhando para o filho nada vê.

A minha reflexão começa lembrando de Heládio Pompeu, personagem principal do romance de Zulmira Ribeiro Tavares, *O Nome do Bispo*. O olhar doente (e do ente) é provocado por uma fissura, não só física, mas presente no próprio pensamento do personagem e na sua dimensão do tempo: a fissura é condição e motor das reflexões de Heládio, condição que implica no estreitamento do sujeito que pensa sobre o seu corpo, na sua relação com o tempo e com o espaço. O corpo é o lugar onde o sujeito da fala realiza a sua inserção no mundo e de onde ele pode enxergar o outro. Sem poder experimentar e vivenciar esta inserção, desviando o olhar para o nunca visto, na posição horizontal, em repouso (in)voluntário em uma cama de hospital, Heládio Pompeu é um personagem pós-moderno, literalmente *fissurado* pelo tempo.

É possível não falar em pós-modernidade?

A minha fissura passa pelo nome da rosa, pelo nome do bispo, pelo nome das coisas, pelo nome do pai e pelo não nome do filho. Sem a imobilidade de uma cama hospitalar, a sobrevivência de meu olhar sobre o contemporâneo refugia-se nos espaços não tão amplos de livrarias e bibliotecas, nos espaços ainda mais restritos das salas de aula. O “mal estar da pós-modernidade” está justamente na tentativa de assimilação de Habermas, Lyotard, Baudrillard, Jameson, Terry Eagleton em uma aliança de forças teóricas diferentes, em uma convergência temporária e instável de objetivos, numa fragilidade, acima de tudo, semântica.

É possível não pensar a pós-modernidade?

A primeira resposta que me dou e, conseqüentemente, procuro entender, é que esta mutação que pressupõe a concepção de um *pós* deve começar pela cicatrização da *fissura* através da alteração do modo de apreender e aprender o tempo. Se o moderno foi a irrupção e a insurreição do futuro, nós vivemos o período em que o futuro nos desencantou, muito mais que se desencantou. Para entendê-lo terminamos uma década cantando “eu vejo o futuro repetir o passado” / eu vejo um museu de grandes novidades” e assistindo à volta para os futuros I, II, III. Começamos outra década tentando entender porque Otávio Paz nos disse que o passado e o futuro estão diante de nós, mas precisam ser vistos como instâncias do presente. Neste tempo presente coloco Warren Montag sistematizando algumas idéias em torno da pós-modernidade, afirmando que *o único erro verdadeiramente irremediável seria acreditar que esse presente durará para sempre.*

O que se constata inegavelmente é que a história como processo linear progressivo, de que o marxismo foi a manifestação política e a expressão teórica mais significativa e evidente, entrou em crise. É esta nova concepção do tempo em sua complexidade que permite a crença de que é possível se pensar o fim de todas as crises, o fim de todas as resistências, através de um pensamento que se pretende crítico. E esta é uma palavra importante para o processo de compreensão do contemporâneo. Uma realidade está em crise, quando apresenta desempenho inferior às suas possibilidades.

Uma outra leitura, simplificadora porém necessária, é a compreensão da idéia da universalização dos homens cedendo lugar ao culto da diferença. Cada movimento social afirma-se pela sua diferença e reivindica o seu momento e o seu movimento como o diferente, o que permite que a pós-modernidade seja também lida na multiplicidade de práticas culturais e sociais, o que implica ter que entender (ou aceitar) a ambição conceitual. Ao mesmo tempo, uma pergunta merece ser colocada: por que não questionar esta tentativa do pós-moderno em ser um conceito que “agasalha” (a metáfora é sintomática) tudo: o cinismo, o relativismo da verdade, a ecologia, as teorias críticas, o feminismo, a política?

É possível não perguntar sobre pós-modernidade?

Este é o momento de muito mais perguntas do que de respostas. Um tempo diverso de um passado recente, quando se pensava que já tínhamos todas as respostas. Foi o esgotamento do projeto sócio-cultural da modernidade que nos lançou nessa “tradição” pós-moderna que se enche de incertezas. É aqui o momento em que paro para pensar em George Yúdice e no seu texto “*Puede hablarse de postmodernidad en America Latina?*” publicado na *Revista de Crítica Literária Latinoamericana* nº 29 (1989), uma sistematização organizada e ree laborada do que já havia exposto no Congresso da ABRALIC em Porto Alegre (1988).

Por imitação, originalidade ou apropriação, o caminho é exatamente o da polifonia de vozes, que procuram entender não mais a idéia da reprodução cultural, mas conviver com a lógica da criatividade articuladora. Quando admitimos a possibilidade de se falar em pós-modernidade estamos pensando na cultura democrática, que permite a convivência de vários estilos, e na convivência com a heterogeneidade. George Yúdice, analisando o pensamento teórico sobre a questão cultural latino americana (incluindo os brasileiros Roberto Schwarz, Renato Ortiz e Silviano Santiago) demonstra que fomos pós-modernos antes da Europa e dos Estados Unidos. A nossa pós-modernidade não é aquela apenas do fim das grandes narrativas, mas aquela que vê a política como simulacro, ao poder da mídia, ao mesmo tempo que lê a escolha de governantes messiânicos, o que permite ler a convivência com a heterogeneidade.

O que é esta pós-modernidade que permite que nos leiamos sob este imaginário democrático? Não é um estilo, nem uma estrutura de sentir, nem uma nova episteme que substitui a modernidade, nem aquilo que vem depois. É a própria condição na qual se pensa a modernidade para se ler a multiplicidade de modos de ser moderno ou para se rever os termos que a define. É bom lembrar que quando uma certa época atribui a si mesma o adjetivo moderna, produz, por contraste, um passado arcaico e estabilizado. Afinal, o tempo clássico é linear e a sua apreensão é sempre feita pelas concepções de mudança e variação. Por isso precisamos falar de Heládio para lembrar o quanto é importante o lugar onde o sujeito se instala para o corpo acostumar-se a uma nova maneira de olhar o tempo e o espaço. E se nada é permanente, nem mesmo este olhar, acreditemos mesmo que nos é possível várias pós-modernidades e a heterogeneidade cultural se dá através de recursos propícios à especificidade de nossa cultura: pelas técnicas do pastiche, das colagens, das apropriações, dos enxertos e das alegorias em torno de nossa própria tradição.

Pensar culturalmente a tradição literária brasileira permite que se

leia a literatura brasileira contemporânea com a convicção de que o referencial para *uma poética do pós-modernismo* (e para o estudo da literatura é o termo que nos convém) deve ser mesmo o modernismo. Antes dele, a racionalidade, a consciência. Ele — o Modernismo — a disjunção, o irracionalismo, a auto-reflexão. Coube ao *Pós-modernismo* estabelecer uma dosagem destes elementos numa perspectiva mais plural e mais paródica. Por outro lado, a política de recusa do modernismo foi substituída pela razão crítica como impulso da atividade literária. É ela, a literatura que, particularmente, nos interessa.

É possível não se ler uma poética do pós-modernismo na literatura contemporânea?

Relacionar as concepções da cultura pós-moderna com a produção literária a partir dos anos 80 é um caminho importante para aproximar a literatura das práticas culturais nas quais ela se inscreve, especialmente na aproximação que se pode fazer com a história. Se por um lado vemos o esgotamento da historiografia oficial, o esvaziamento do discurso autoritário de uma suposta verdade; por outro lado, vemos a literatura em um processo de revisão, precisando da história para uma reflexão crítica e criativa, seja no processo de produção, seja no processo de sua própria interpretação. Segundo Linda Hutcheon, as obras literárias construídas neste período e que buscam a aproximação destes dois discursos poderiam ser consideradas “metaficções historiográficas”, ou seja, obras de ficção que refletem sobre sua própria condição de ficção, destacando principalmente a figura do autor e o modo de escrever.

Espécie de alegoria sobre as possibilidades da ficção, passa a se existir nas obras um sintomático sentido da ambigüidade do real, além de uma realidade plural do mundo, que se processa por uma nova grafia de histórias pessoais e coletivas, além, repito, do aspecto mais significativo da ficção, que é a consciência demonstrada, pelo texto narrativo, de seus próprios recursos. Esta metaficção toma personagens e eventos da história conhecida pela própria historiografia ou por um procedimento canônico e os submetem à falsificação e à ficcionalização. O ponto central é que nos deparamos com a ficcionalidade da própria história, apagando fronteiras entre história e ficção. Com a idéia de que só podemos conhecer a história pelas narrativas, o mundo supostamente real transforma-se em literatura: textos e representações.

Pensar a pós-modernidade nas aulas de Literatura Brasileira Contemporânea passa a ser, então, o exercício de se pensar esta questão dos referenciais e do compromisso ou descompromisso atual com tudo aquilo

que se possa considerar uma suposta ordem histórica ou ficcional. Este discurso da história, que implica numa conformação dialógica, é um dos discursos estruturadores de textos que consideramos pós-modernos. Pode-se dizer que a substituição da historiografia pelo historicismo proporciona a possibilidade de simulação de todos os estilos do passado, além de combinar ironia e razão, no trato de documentos que se fizeram oficiais. Com este caminho de resgate da história, o discurso do imaginário enriquece-se pela capacidade que tem de aprofundar o referente, reescrevendo-o de forma a transgredir o realismo tradicional. Em outras palavras: o pós-moderno pretende que se derrube as fronteiras disciplinares e se permita a “livre negociação” entre história e literatura, literatura e história, e entre as artes e as demais atividades humanas: a tecnologia, a moda, o design, a propaganda, a política.

Temos concluído, ainda que sob o estatuto das peculiaridades de textos ficcionais, que a constante temática e estrutural das narrativas tem sido produzida sob o signo desta nova condição histórica: a condição de se ler o fim das utopias, as diferenças, as minorias, as subjetividades diluídas, a sociedade de consumo. As próprias noções que sustentam a teoria do pós-moderno são citadas, referidas e ficcionalizadas pela literatura. Os textos são repletos de citações e os personagens são simulacros de personagens, figurantes de um cenário nostálgico, emoldurado pelo kitsch, o que nos remete ao passado sem nostalgia emocional. Os sujeitos nômades e inonimados são dirigidos por narradores, que nos mostram um mundo onde a imaginação voltou a suplantar a fotografia do cotidiano. A morte torna-se banal e, ao mesmo tempo, é a grande inimiga, contra a qual os recursos para evitá-la são incontáveis. Na literatura moderna a obra de um autor acaba por ser sintetizada metaligüisticamente por metáforas básicas, como a morte anunciada, trabalhadas em alguns textos e reiteradas em outros. Cabe ao leitor o prazer adicional ao ato de ler das descobertas de deslizamentos, atribuindo sentido a estas metáforas: fissuras, fraturas, mutilações, perdas e danos. Constantemente depara-se com a relação tempo e morte, uma relação mítica, mas que, nestes textos ficcionais da década de 80-90, buscam muito mais mostrar um acronismo proposital e desconcertante.

Assim, pode-se pensar que a literatura brasileira de 80 (e por que não pensar na literatura contemporânea em geral?) manifesta de muitas maneiras esta situação do homem contemporâneo e de seus mundos “possíveis”. Não na relação direta de causa e efeito, mas na forma de trabalhar um presente envolto em simulações e na difícil convivência com frouxas convicções. Na maioria das narrativas constata-se que, entre um passado diluído em questionamentos na década de 70 e um futuro desmistificado na década de 90, a literatura também se afirma na complicada posição de quem

não mais reconhece o novo, num tempo em que não há mais formas que se cristalizem para se tornarem velhas. A literatura assim tem dialogado com a própria literatura, tudo sendo passível e possível de ser re(a)presentado: a realidade, a(s) história(s) e, especialmente, o próprio Autor. Tanto que se tem convivido com narrações breves, como se a dizerem: quanto mais breves, mais necessárias outras histórias (Ah, é?, diria Dalton Trevisan).

É possível, então, não resgatar o (pós)-modernismo?

O pós-modernismo, como o concebemos e como o lemos, está longe de tornar o modernismo obsoleto. Ele joga uma nova maneira de se olhar e se ler o modernismo e se apropria de muitas de suas estratégias e técnicas estéticas. No entanto, é a poética pós-modernista que permite a leitura da nossa literatura não numa perspectiva anti-moderna, mas de uma forma que possibilita nos distanciar de crenças relacionadas à verdade, ao poder, ao eu e à linguagem. Esta minha conclusão é ilustrada pelos romances de João Gilberto Noll com seus personagens nem heróis nem anti-heróis, viajantes, solitários, espécie de fábulas de um homem que busca um lugar qualquer, qualquer dia desses. Ou por narrativas como *Confissões de Ralfo (Uma Autobiografia Imaginária)* de Sérgio Sant'Anna, onde o personagem Ralfo, simulacro do próprio autor, sem passado e sem futuro, vive uma existência efêmera, num mundo que é pura representação, ou *Senhorita Simpson*, também de Sérgio Sant'Anna, que insere pelo pastiche toda a problemática existencial dos últimos trinta anos.

Estes romances são literalmente uma viagem, onde os personagens compõem a ambigüidade da palavra e se fazem tão *passageiros* quanto as narrativas. E os seus desaparecimentos vão se dando por uma espécie de desenraizamento em todos os sentidos: personagens e narrativas não possuem vínculos. O espaço destes romances que assumimos como inseridos em uma cultura pós-moderna parece mesmo debochar do rigor do tempo. Se não há memória, não há movimento (é sempre interessante lembrar da imobilidade de Heládio Pompeu). O narrador de Ralfo nos conta uma história sobre ou sob a qual o tempo não transcorre e não discorre e o narrador da Senhorita Simpson conta-nos a história de Pedro Paulo, que atropelado pelo tempo, síntese de trinta anos de desencanto, fica repetindo a si mesmo. Há nessas narrativas uma linearidade cronológica, só que ela não é percebida segundo os modelos possíveis: a linha reta do calendário ou a circularidade dos ponteiros. Talvez uma passagem analógica. As narrativas passam. Os personagens perambulam numa sociedade a que estamos acostumados, só

que numa nova ordem, ou com alguma coisa fora da ordem...

Diante deste espaço labiríntico de textos e tensões, em que me coloco, tenho uma única certeza, neste tempo de dúvidas: a década de 80 foi curta. Ela foi historiada antes de terminar. Nos últimos 15 anos, querendo dar sentido a um sentimento de distância em face da modernidade, propusemos o renomear a nossa cultura. Se aceitamos a nomeação (ou o nome e a ação), por outro lado sabemos que não é preciso teorizar o pós-moderno, a pós-modernidade ou o pós-modernismo, produzindo explicações, descrevendo estruturas. O importante é entender a sua realidade polimorfa e que esta pode ser lida pelos mais variados caminhos: cada um pode ser visto como parte que nos cabe neste labirinto.

Pode-se falar na morte do pós-moderno?

Concluir seria ir contra a própria lógica do pós-moderno. O próprio ato de se estar estudando e querendo entendê-lo é um atestado de vida, tendo como testemunhas a perplexidade e a ansiedade de um tempo e um espaço, onde não é mais possível enxergar o futuro pelos olhos do filho.

Esta reflexão que procurou rastrear anotações e preocupações durante o curso que desenvolvi com meus alunos no segundo semestre de 1994 no Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina e com trabalhos que venho desenvolvendo com meus orientandos é um caminho de leitura deste *contemporâneo*, contrapondo-o ou justapondo-o com obras e textos vinculados a um passado não tão recente. As fraturas e as fissuras de um aprendizado em construção, que se dá também naquele ou naquela que ensina, terminam por incorporar-se no corpo da letra ao quererem preencher e satisfazer tantos desejos. Por isso este meu texto foi pontuado e assinalado por sinais de interrogações. Fiz questão de registrar assim a marca das minhas dúvidas, limite e fronteira com respostas que venho buscando.

Em relação a esta nova condição é preciso, pois, desconfiar do saber acabado e confiar muito mais no modo como é produzido, através desta sucessão e sobreposição de informações e transformações. Este suposto caos é imprescindível para que desconfiemos das nossas finalidades de compreensão, suspeitemos dos caminhos que tomam a nossa produção intelectual quando procura se explicar diante de uma ainda vigente cultura da dependência ou quando se torna reprodução do que foi pensado por outros (ou pelos mesmos?).

Para romper com uma atitude mítica quanto ao saber importado é preciso, acima de tudo, compreender o que está nos levando a este tipo de

leitura e a importância destas questões para nossa experiência, considerando que todo aprendizado tem como pressuposto o *querer* saber e o *querer* entender, ainda que seja pelo caminho da repetição e da reelaboração. Isso não descarta o “fazer o saber”, reorganizando-o de acordo com as nossas necessidades, o que implica especialmente pensar formas de saber que aproveitem os cânones estabelecidos, mas que consigam ler outras práticas culturais. É necessário sempre suspeitar dos primeiros sintomas de nossas fissuras, onde o antes e o depois podem estar justapostos sem nada entre eles. Este lugar vazio permite que se leia os nomes. E eu aqui leio **pós-moderno**. Umberto Eco resgata o *nulla rosa est* de Abelardo para mostrar *como a linguagem pode tanto falar das coisas desaparecidas quanto das inexistentes*. Eu procuro ler e acreditar na existência de um nome moderno: **pós**. É exatamente neste espaço dos nomes que o lúdico permite que se caça palavras, se descubra os sete erros, se ligue os pontos, se percorra o labirinto e se procure o caminho.

É possível não chamar a pós-modernidade de pós-modernidade?

Fissura ou fratura a minha leitura se dá aqui também pelo processo de pensar e de ler textos, com base em outros textos e outras palavras ou como disse Umberto Eco em Pós-escrito a *O NOME DA ROSA: ironia, jogo metalingüístico, enunciação elevada ao quadrado*. Portanto, com o moderno, quem não entende não pode aceitá-lo, ao passo que, com o pós-moderno, é possível até não entender o jogo e levar as coisas a sério. Assim sendo parece não ser mais possível chamar o pós-moderno de pós-moderno. Ou é possível mesmo (não) falar de pós-modernidade?

BIBLIOGRAFIA

- CONNOR, Steven. *Cultura Pós-Moderna*. SP: Loyola, 1993
 ECO, Umberto. *Pós-Escrito a O Nome da Rosa*. RJ: Nova Fronteira, 1985
 HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. SP: Loyola, 1993
 HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. RJ: Imago, 1988
 MONTAG, Warren. “O que está em jogo no debate sobre o pós-modernismo?”. In KAPLAN, E. A. (Org.) *O Mal-Estar do Pós-Modernismo*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1993
 PAZ, Otávio. *Signos em Rotação*. SP: Perspectiva, 1976
 YÚDICE, George. “Puede Hablarse da Postmodernidade en America Latina?”. *Revista de Crítica Literária Latino Americana*. Año XV, nº 20, Lima, 1989
 “Você é ou foi um pós-moderno?”. In Caderno B. *Jornal do Brasil*. 05 de março de 1989